

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.735

Domingo, 20 de Julho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º e 3.º Andares — LISBOA — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Batalha, 111 e 113

A iniciativa da Câmara Municipal dando
banhos às crianças pobres deve ser o iní-
cio de medidas de assistência à infância.

Acabe-se com a desordem!

A polícia cívica e a guarda republicana, corporações destinadas a manter a ordem, são na sociedade portuguesa terríveis focos de indisciplina e desordem, que põem em risco a vida da população. Há só uma forma de inutilizar esses focos de desmoralização: dissolver essas corporações.

Tanto a polícia como a guarda republicana, de há muito vêm manifestando a sua sanha sanguinária. De vez em quando o público é surpreendido com uma brutalidade praticada pela polícia ou pela guarda, e protesta indignado. Mas, depois do caso passa, as autoridades põem sobre o assunto uma pedra tumular e nada se apura. Mas quando o facto está já a ser esquecido, a polícia ou a guarda republicana fazem-se de novo lembradas com nova atrocidade, que se procura, por sua vez, lançar ao esquecimento.

Quem se lembra hoje daquela opressão bárbara a um rapazito do liceu Camões que se generalizou depois a outros alunos? No entanto, houve quem se interessasse pelo assunto, e como se não tratava de operários chegou a propor a indignação de alguns republicanos. Tudo caiu no olvido. Que admira que mais tarde a polícia, sentindo-se apoiada na sua acção criminosa, praticasse a proeza dos Olivais, assassinando indivíduos que tinha capturado?

Que se fez depois disto? Nenhum dos polícias foi demitido, nem a polícia se fez a mais pequena exortação.

Com a guarda republicana sucede um pouco o mesmo. Por essa província fora, os guardas republicanos são uma espécie de cães de fila contra o operariado. São os autênticos defensores da burguesia, educados no ódio a todas as ideias livres, e tendo a ideia que lhes incutem: que sindicalista é sinónimo de facinoroso. Por todo o país, os postos da guarda republicana, têm entre os populares um nome tão pavoroso como foi o da Santa Inquisição; ali se interro-

gam presos, sob violências e ameaças e se julgam e castigam sem mais forma de processo. Quantos casos não temos aqui já referido de proezas desta natureza, sem que afinal, nada se tenha modificado. De admirar não era, portanto, que a guarda republicana chegasse até aos trágicos acontecimentos de Silves.

Todos estes factos, que do norte a sul do país se tornaram conhecidos, parecem que não chegaram porém aos ouvidos de nenhum ministro do interior, nem da maioria parlamentar. A verdade é que nada se fez para modificar tal situação, remodelando inteiramente esses serviços e, pelo que toca à guarda republicana, suprimindo-a fora de Lisboa e Porto, por se ter tornado incontestavelmente um verdadeiro perigo público.

Assim vimos até aos acontecimentos que se deram no Parque Eduardo VII. Não há já maneira de dissimular a gravidade da situação em que nos encontramos: a polícia e a guarda republicana, que têm a seu cargo a manutenção da ordem pública defrontam-se num verdadeiro combate, espingando-se, fazendo também vítimas entre os civis, que não puderam fugir. Está a população duma cidade como Lisboa e num local frequentado como é uma feira, sujeita a ser assassinada pelas balas de homens armados cuja missão parece que seria a de defender a vida das pessoas.

Naturalmente tanto a polícia como a guarda republicana, em que se tem deixado desenvolver o instinto sanguinário, pela própria educação que receberam, no ódio que lhes é pregado contra as classes populares em que só veem

inimigos, tinham de proceder como procederam. Nem uma nem outra foram nunca levadas a proceder por meios suaves e em termos delicados; o seu processo foi sempre fazer as coisas à bruta, com insolência, grosseria e brutalidade. Colocadas em presença uma da outra e em conflito não podia suceder senão aquilo: maltratavam-se como estão habituadas a maltratar o povo.

Desta vez, porém, tanto a polícia como a guarda republicana tiveram de lutar contra gente armada, o que se tornou mais grave o acontecimento nas suas consequências, pois produziu um maior número de mortos e de feridos, não quer dizer que todas as violências que se tem dado até aqui contra gente indefeza não tenham tido um aspecto moral muito mais revoltante.

Como desta vez se não tratava de espingardar sindicalistas e lançar entre a população a ideia de que se tratava duma repressão de dinamitistas, os factos tiveram a repercussão duma enorme publicidade. Ninguém hoje pode ignorar no país o que significam sob o ponto de vista de defesa da vida de cada um, as instituições de guarda republicana e de polícia. E ninguém pode deixar de reconhecer que a única forma de dar uma satisfação à opinião pública e de assegurar um pouco mais de tranquilidade à população é dissolvê-las.

Enquanto isto se não fizer continuaremos a viver no regime do terror. E quando isto se dá com a autoridade organizada de admirar não é que o exemplo frutifique nas camadas populares entre os elementos mais ignorantes e mais miseráveis.

A situação dos presos Uma iniciativa simpática

que é entretanto uma gota de água no oceano
de medidas de assistência que a Câmara deveria tomar
Como deveriam ser organizados os municípios

O Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade, acompanhado das famílias dos presos da Trafaria e governo civil, fala com o presidente do ministério e ministro da justiça

Ontem este secretariado voltou a avisar-se com o sr. Rodrigues Gaspar, actual presidente do ministério e ministro do Interior, sobre a terrível situação dos operários presos sem culpa formada há mais de três meses no presídio da Trafaria e nos imundos calabouços do governo civil, onde a higiene tanto se afasta e conduz os indivíduos que ali se encontram, a tuberculose em consequência de, para dormir o fazem em cima de uma tarimba que por vezes não chega para comportar o enorme número de presos que constantemente está entrando nos referidos calabouços.

A comissão, que se fazia acompanhar das famílias dos presos, mulheres, filhos e irmãos, expoz novamente ao ministro do Interior o fim a que ali a levava, dizendo-lhes o ministro, que estava acompanhado do director do P. S. E., sr. João Madeira, que tinha os processos em poder do ministro da justiça e que podiam estar certos de que não descuraram o assunto e se interessava muito pela finalidade do mesmo, o que ainda senão tinha efectuado em consequência do debate político não ter sido resolvido definitivamente; não entanto estava o governo na intenção de arrumar de vez este caso.

Dirigindo-se a comissão ao ministério da justiça a fim de falar com o respectivo ministro, sr. Cateão de Menezes, a quem expoz o assunto, foi-lhe respondido que estava a rever os processos, e bem que não fosse pela sua parte que deveriam ser tratados, no entanto, ele, que sabe o que é estar cercado de liberdade, empregaria os seus esforços em demorar o menos possível a sua resolução, afirmando que nos que tinha já examinado não encontra prova jurídica para reter por mais tempo os operários presos.

Este secretariado também falou sobre os requerimentos entregues pelos presos que se encontram à disposição do governo há mais de 18 meses, o que o ministro da justiça diz ainda não lhe terem apresentado esses documentos, mas que ia tratar também do assunto.

Como se encontrasse no ministério do Interior o director da Cadeia Nacional abordou-se com ele uma conversação sobre a situação dos presos entregues ao governo, dizendo o referido director que da parte dele informará como de direito e de justiça.

Com o director da P. S. E. tratou-se da prisão de João Jorge, que se encontra incomunicável numa esquadra e que se acha doente dos olhos, precisando assistência médica, e sobre a prisão também do operário pintor de letras Joaquim Costa, incomunicável há mais de 8 dias, ficando o sr. João Madeira de tratar destes dois presos.

Oxalá estas demoras deem o devido resultado porque já existe miséria em casa dos operários presos há mais de três meses, enquanto outros indivíduos que vivem na abundância nada lhes falta e a liberdade para tudo, é em demasia.

No dia 9, como já noticiamos, foi preso em casa, à 1 hora da madrugada, o operário Fausto Teixeira. Encontrou-se na esquadra do Rato incomunicável, até hoje ainda não foi interrogado.

Não será tempo de acabar com tantas perseguições?

visão, afirmando que nos que tinha já examinado não encontra prova jurídica para reter por mais tempo os operários presos.

Este secretariado também falou sobre os requerimentos entregues pelos presos que se encontram à disposição do governo há mais de 18 meses, o que o ministro da justiça diz ainda não lhe terem apresentado esses documentos, mas que ia tratar também do assunto.

Como se encontrasse no ministério do Interior o director da Cadeia Nacional abordou-se com ele uma conversação sobre a situação dos presos entregues ao governo, dizendo o referido director que da parte dele informará como de direito e de justiça.

Com o director da P. S. E. tratou-se da prisão de João Jorge, que se encontra incomunicável numa esquadra e que se acha doente dos olhos, precisando assistência médica, e sobre a prisão também do operário pintor de letras Joaquim Costa, incomunicável há mais de 8 dias, ficando o sr. João Madeira de tratar destes dois presos.

Oxalá estas demoras deem o devido resultado porque já existe miséria em casa dos operários presos há mais de três meses, enquanto outros indivíduos que vivem na abundância nada lhes falta e a liberdade para tudo, é em demasia.

No dia 9, como já noticiamos, foi preso em casa, à 1 hora da madrugada, o operário Fausto Teixeira. Encontrou-se na esquadra do Rato incomunicável, até hoje ainda não foi interrogado.

Não será tempo de acabar com tantas perseguições?

No dia 9, como já noticiamos, foi preso em casa, à 1 hora da madrugada, o operário Fausto Teixeira. Encontrou-se na esquadra do Rato incomunicável, até hoje ainda não foi interrogado.

Não será tempo de acabar com tantas perseguições?

eram nacionalistas os assassinados não houve assassinios nos Olivais. As questões de humanidade não têm outra lógica para as comissões nacionalistas de São Cristóvam e São Lourenço.

Mussolini e a igreja

Bem podem estalar-se monárquicos e integralistas a igreja não quer soltar-se com os regimes porque quer sobreviver à morte deles. Com Mussolini o mesmo está sucedendo a igreja empregando a sua última predilecta táctica não se importa apedrejá-lo mas, naturalmente, agora que ele está a cair.

O cardeal Gasparri, que no Vaticano desempenha um cargo muito importante, respondeu maliciosamente a um jornalista que não sabia o tempo que Mussolini estaria no poder, mas que achava natural que o seu sucessor no governo fosse Giolitti. Ora este político italiano tem a avançada idade de 82 anos, o que demonstra que se um velho pode suceder a Mussolini é porque este está prestes, politicamente, a espirar.

Resta saber, se os facistas se atreverão, em face destas e outras predições funestas mais ou menos subis, a purgar o papa com óleo de ricino.

20000 mineiros sem trabalho

BERLIM, 19.—Cerca de 20.000 mineiros encontram-se sem trabalho no Ruhr devido à falta de trabalho, por causa de terem fechado várias minas por falta de carvão. Os indivíduos que os

constituíram não seriam recrutados nas fileiras partidárias, mas entre as competências técnicas e administrativas. A intriga política não desmauaria tanto, onde os municípios trabalham a valer, seria uma insignificância, mas que entre nós, pela raridade de semelhantes gestos, constitui qualquer coisa de extraordinário.

Não cabe em nossos hábitos o elogio fácil e banal a uma instituição como a Câmara, que tantos prejuízos e dissabores tem causado a população de Lisboa. Somos dos que atacam com mais energia e violência essa instituição. Por isso, a atitude de franca hostilidade perante tudo o que de mau a Câmara tem feito, nos obriga moralmente a destacar uma medida útil que acaba de pôr em prática.

Mercê dos esforços do sr. Alexandre Ferreira, a quem a Universidade Livre e a educação popular bastante devem no nosso país, quinzentas crianças pobres iniciaram ante ontem na praia da Cruz Quebrada uma série de quinze dias, que as suas saídas abaladas pela vida miserável dos nossos dias vão passar durante esses quinze dias vão passar através de alguns momentos ao ar livre e ao sol vivificante, estimulantes naturais da saúde, dos quais a humanidade nunca se devia ter afastado.

Quem sabemos que terminados esses quinze dias de sol passado alegremente na praia, as pobres crianças voltarão à vida infeliz de todos os dias, medidas nesta cidade infecta, frequentando escolas onde a noção da higiene se perdeu, ou nunca se chegou a achar, alimentando-se mal devido às terríveis condições económicas em que as classes laborais vivem. Entretanto valem mais esses quinze dias de higiene, do que nenhum.

Na Dinamarca, na Suécia, na Alemanha, nos países mais civilizados da Europa, enfim, os municípios têm com a infância, um cuidado extraordinário, que gostaríamos de ver imitado pelos municípios portugueses.

A infância é sagrada. Os pequenos de hoje frágeis e ingenuos, são a sociedade de amanhã. Se a infância vive em ambiente de desleixo e de imoralidade, não podemos esperar uma sociedade futura formada por homens briosos, energéticos e sãos. A desmoralização repugnante que a sociedade portuguesa hoje nos apresenta, é fruto da péssima educação moral, social e física que a infância de ontem foi dada.

Se as crianças de hoje fossem submetidas a uma educação modelar, o ambiente na sociedade portuguesa modificaria-se sensivelmente dentro do curto período duma geração.

Portanto, a medida de assistência que acaba de ser tomada para com uma parte mínima da infância de Lisboa, merecendo aplausos, é, entretanto, uma gota de água no grande oceano de medidas que a Câmara Municipal de Lisboa, nesse sentido, competiria tomar.

Quer isto dizer que desprezamos a iniciativa do sr. Alexandre Ferreira? Não, Ohamo-la com simpatia—a simpatia que nos merece todos os esforços úteis e bem intencionados.

Se em Portugal, o princípio tanta vez apregoadado, da descentralização e autonomia de instituições administrativas fosse respeitado a valer, os municípios há muito tempo que teriam tomado uma feição diversa da que possuem actualmente. Os indivíduos que os

constituíram não seriam recrutados nas fileiras partidárias, mas entre as competências técnicas e administrativas. A intriga política não desmauaria tanto, onde os municípios trabalham a valer, seria uma insignificância, mas que entre nós, pela raridade de semelhantes gestos, constitui qualquer coisa de extraordinário.

Não cabe em nossos hábitos o elogio fácil e banal a uma instituição como a Câmara, que tantos prejuízos e dissabores tem causado a população de Lisboa. Somos dos que atacam com mais energia e violência essa instituição. Por isso, a atitude de franca hostilidade perante tudo o que de mau a Câmara tem feito, nos obriga moralmente a destacar uma medida útil que acaba de pôr em prática.

Mercê dos esforços do sr. Alexandre Ferreira, a quem a Universidade Livre e a educação popular bastante devem no nosso país, quinzentas crianças pobres iniciaram ante ontem na praia da Cruz Quebrada uma série de quinze dias, que as suas saídas abaladas pela vida miserável dos nossos dias vão passar durante esses quinze dias vão passar através de alguns momentos ao ar livre e ao sol vivificante, estimulantes naturais da saúde, dos quais a humanidade nunca se devia ter afastado.

Quem sabemos que terminados esses quinze dias de sol passado alegremente na praia, as pobres crianças voltarão à vida infeliz de todos os dias, medidas nesta cidade infecta, frequentando escolas onde a noção da higiene se perdeu, ou nunca se chegou a achar, alimentando-se mal devido às terríveis condições económicas em que as classes laborais vivem. Entretanto valem mais esses quinze dias de higiene, do que nenhum.

Na Dinamarca, na Suécia, na Alemanha, nos países mais civilizados da Europa, enfim, os municípios têm com a infância, um cuidado extraordinário, que gostaríamos de ver imitado pelos municípios portugueses.

A infância é sagrada. Os pequenos de hoje frágeis e ingenuos, são a sociedade de amanhã. Se a infância vive em ambiente de desleixo e de imoralidade, não podemos esperar uma sociedade futura formada por homens briosos, energéticos e sãos. A desmoralização repugnante que a sociedade portuguesa hoje nos apresenta, é fruto da péssima educação moral, social e física que a infância de ontem foi dada.

Se as crianças de hoje fossem submetidas a uma educação modelar, o ambiente na sociedade portuguesa modificaria-se sensivelmente dentro do curto período duma geração.

Portanto, a medida de assistência que acaba de ser tomada para com uma parte mínima da infância de Lisboa, merecendo aplausos, é, entretanto, uma gota de água no grande oceano de medidas que a Câmara Municipal de Lisboa, nesse sentido, competiria tomar.

Quer isto dizer que desprezamos a iniciativa do sr. Alexandre Ferreira? Não, Ohamo-la com simpatia—a simpatia que nos merece todos os esforços úteis e bem intencionados.

Se em Portugal, o princípio tanta vez apregoadado, da descentralização e autonomia de instituições administrativas fosse respeitado a valer, os municípios há muito tempo que teriam tomado uma feição diversa da que possuem actualmente. Os indivíduos que os

constituíram não seriam recrutados nas fileiras partidárias, mas entre as competências técnicas e administrativas. A intriga política não desmauaria tanto, onde os municípios trabalham a valer, seria uma insignificância, mas que entre nós, pela raridade de semelhantes gestos, constitui qualquer coisa de extraordinário.

Não cabe em nossos hábitos o elogio fácil e banal a uma instituição como a Câmara, que tantos prejuízos e dissabores tem causado a população de Lisboa. Somos dos que atacam com mais energia e violência essa instituição. Por isso, a atitude de franca hostilidade perante tudo o que de mau a Câmara tem feito, nos obriga moralmente a destacar uma medida útil que acaba de pôr em prática.

Mercê dos esforços do sr. Alexandre Ferreira, a quem a Universidade Livre e a educação popular bastante devem no nosso país, quinzentas crianças pobres iniciaram ante ontem na praia da Cruz Quebrada uma série de quinze dias, que as suas saídas abaladas pela vida miserável dos nossos dias vão passar durante esses quinze dias vão passar através de alguns momentos ao ar livre e ao sol vivificante, estimulantes naturais da saúde, dos quais a humanidade nunca se devia ter afastado.

Quem sabemos que terminados esses quinze dias de sol passado alegremente na praia, as pobres crianças voltarão à vida infeliz de todos os dias, medidas nesta cidade infecta, frequentando escolas onde a noção da higiene se perdeu, ou nunca se chegou a achar, alimentando-se mal devido às terríveis condições económicas em que as classes laborais vivem. Entretanto valem mais esses quinze dias de higiene, do que nenhum.

constituíram não seriam recrutados nas fileiras partidárias, mas entre as competências técnicas e administrativas. A intriga política não desmauaria tanto, onde os municípios trabalham a valer, seria uma insignificância, mas que entre nós, pela raridade de semelhantes gestos, constitui qualquer coisa de extraordinário.

Não cabe em nossos hábitos o elogio fácil e banal a uma instituição como a Câmara, que tantos prejuízos e dissabores tem causado a população de Lisboa. Somos dos que atacam com mais energia e violência essa instituição. Por isso, a atitude de franca hostilidade perante tudo o que de mau a Câmara tem feito, nos obriga moralmente a destacar uma medida útil que acaba de pôr em prática.

Mercê dos esforços do sr. Alexandre Ferreira, a quem a Universidade Livre e a educação popular bastante devem no nosso país, quinzentas crianças pobres iniciaram ante ontem na praia da Cruz Quebrada uma série de quinze dias, que as suas saídas abaladas pela vida miserável dos nossos dias vão passar durante esses quinze dias vão passar através de alguns momentos ao ar livre e ao sol vivificante, estimulantes naturais da saúde, dos quais a humanidade nunca se devia ter afastado.

Quem sabemos que terminados esses quinze dias de sol passado alegremente na praia, as pobres crianças voltarão à vida infeliz de todos os dias, medidas nesta cidade infecta, frequentando escolas onde a noção da higiene se perdeu, ou nunca se chegou a achar, alimentando-se mal devido às terríveis condições económicas em que as classes laborais vivem. Entretanto valem mais esses quinze dias de higiene, do que nenhum.

Na Dinamarca, na Suécia, na Alemanha, nos países mais civilizados da Europa, enfim, os municípios têm com a infância, um cuidado extraordinário, que gostaríamos de ver imitado pelos municípios portugueses.

A infância é sagrada. Os pequenos de hoje frágeis e ingenuos, são a sociedade de amanhã. Se a infância vive em ambiente de desleixo e de imoralidade, não podemos esperar uma sociedade futura formada por homens briosos, energéticos e sãos. A desmoralização repugnante que a sociedade portuguesa hoje nos apresenta, é fruto da péssima educação moral, social e física que a infância de ontem foi dada.

Se as crianças de hoje fossem submetidas a uma educação modelar, o ambiente na sociedade portuguesa modificaria-se sensivelmente dentro do curto período duma geração.

Portanto, a medida de assistência que acaba de ser tomada para com uma parte mínima da infância de Lisboa, merecendo aplausos, é, entretanto, uma gota de água no grande oceano de medidas que a Câmara Municipal de Lisboa, nesse sentido, competiria tomar.

Quer isto dizer que desprezamos a iniciativa do sr. Alexandre Ferreira? Não, Ohamo-la com simpatia—a simpatia que nos merece todos os esforços úteis e bem intencionados.

Se em Portugal, o princípio tanta vez apregoadado, da descentralização e autonomia de instituições administrativas fosse respeitado a valer, os municípios há muito tempo que teriam tomado uma feição diversa da que possuem actualmente. Os indivíduos que os

constituíram não seriam recrutados nas fileiras partidárias, mas entre as competências técnicas e administrativas. A intriga política não desmauaria tanto, onde os municípios trabalham a valer, seria uma insignificância, mas que entre nós, pela raridade de semelhantes gestos, constitui qualquer coisa de extraordinário.

Não cabe em nossos hábitos o elogio fácil e banal a uma instituição como a Câmara, que tantos prejuízos e dissabores tem causado a população de Lisboa. Somos dos que atacam com mais energia e violência essa instituição. Por isso, a atitude de franca hostilidade perante tudo o que de mau a Câmara tem feito, nos obriga moralmente a destacar uma medida útil que acaba de pôr em prática.

Mercê dos esforços do sr. Alexandre Ferreira, a quem a Universidade Livre e a educação popular bastante devem no nosso país, quinzentas crianças pobres iniciaram ante ontem na praia da Cruz Quebrada uma série de quinze dias, que as suas saídas abaladas pela vida miserável dos nossos dias vão passar durante esses quinze dias vão passar através de alguns momentos ao ar livre e ao sol vivificante, estimulantes naturais da saúde, dos quais a humanidade nunca se devia ter afastado.

Quem sabemos que terminados esses quinze dias de sol passado alegremente na praia, as pobres crianças voltarão à vida infeliz de todos os dias, medidas nesta cidade infecta, frequentando escolas onde a noção da higiene se perdeu, ou nunca se chegou a achar, alimentando-se mal devido às terríveis condições económicas em que as classes laborais vivem. Entretanto valem mais esses quinze dias de higiene, do que nenhum.

Quem quer notas mais baratas?

São do Banco Ultramarino!

Ontem pelas 10 horas, quando um nosso redactor passava junto da porta do Banco Nacional Ultramarino, assistiu a uma scena curiosa, que merece ser relatada pela sua significação.

Um indivíduo apregoava: — Quem quer notas do Banco Ultramarino mais baratas! Abatimentos de 30 e 50 %! Quem quer! Quem quer!

Este espalhado atraiu a atenção do povo que comentava o caso a seu modo.

— Grita, grita, — diziam algumas — que ninguém te compra a mercadoria avariada.

E realmente ninguém comprava. Compram notas do Banco Ultramarino, para quê?

Como se sabe a referida casa bancária que está vivendo uma vida fictícia, e que a mais leve circunstância pode conduzir à falência, não troca em escudos as notas que emite para as colónias, o que, como se depreende, tem causado gravíssimos transtornos ao movimento comercial e industrial. As relações económicas entre a metrópole e as colónias encontram-se no meio das maiores dificuldades. Há famílias que vivem do esforço de pessoas que estão trabalhando em África que não conseguem trocar o dinheiro que de lá lhes enviam algumas dessas famílias encontram-se na miséria com as algibeiras cheias de notas do Banco Ultramarino que não trocam porque não querem, ou melhor, porque não pode.

Em duas palavras se explica a situação de absoluta falência do B. N. U. — falência que ainda não foi declarada por receio do Estado e por conveniência dos outros potentados financeiros.

O aludido Banco emitiu para as colónias uma quantidade enorme de papel-moeda, que não foi garantido por valores reais, postivos. Agora, que essas notas circulam como moeda, como o referido Banco não as pode trocar por falta de recursos, os possuidores encontram-se roubados.

Num país de vergonha, a falência do B. N. U. já havia sido declarada há muito tempo. Aqui, em Portugal, onde os governos se submetem à Finança, o Banco Ultramarino depois de ter roubado toda a gente impingindo-lhe notas sem valor, notas falsas, fica-se rindo cinicamente.

A propósito, a administração da A Batalha previne os seus assinantes das colónias que se vê forçada a não aceitar pagamentos em papel-moeda do Banco Nacional Ultramarino, em virtude do seu nulo valor.

Suplemento literário de — A BATALHA

Sociologia, arte, educação, literatura e crítica

Oito páginas de texto com muitas gravuras, preço 50 centavos

Sumário do número de amanhã:

A revolução em São Paulo

O combate entre a polícia e a G. N. R.

no parque Eduardo VII

O crime legal...

por Júlio Quintinha

A missão do arqueólogo

por Nogueira de Brito

Tal qual...

soneto de Bramão de Almeida

Pelos nossos filhos

(com gravura)

Dois acontecimentos teatrais

Dois congressos: o da Internacio

da União do Professorado Primário,

por professor Gomes Belo.

Rabindranath Tagore — O poeta

e a selva

perante a revolução social, por Ferreira

de Castro.

Os contos do "Suplemento", — Um

mandado de despejo, por Vitor Gomes

O que todos devem saber...

Chico, Zeca & C.

Colaboração artística de Stuart Carva

lhais, fotos de António dos Santos

DONATIVOS

para adquirir material

tipográfico para A BATALHA

O apelo lançado nestas colunas para modificar a situação da «Batalha» continua sendo entusiasticamente acclamado pelos seus leitores. Se o êxito continuar correndo o nosso apelo «A Batalha» poderá modificar o seu aspecto gráfico, renovando o seu material tipográfico, renovando o seu material gráfico e insuflante.

Para isso é necessário que todos os verdadeiros amigos da «Batalha» intensifiquem os seus esforços, multiplicando as subscrições de modo a conseguir-se a verba para realizar as reformas salutar de que o jornal carece.

Nada se fez de profícuo quando se fica a meio caminho. Uma tarefa incompleta é uma tarefa inútil. Todos os amigos da «Batalha» saberão colocar-se com todo o seu entusiasmo, com toda a sua energia, nesta empresa que deve terminar com uma magnífica vitória.

«A Batalha» deve-se aos seus leitores como os seus leitores se devem à «Batalha». Por isso ela em vez de morrer ha-de caminhar através de todos os obstáculos e de todas as hostilidades. Onde exista uma grande convicção não há dificuldades que se não vençam e hostilidades que se não esmaguem.

Os leitores da «Batalha» continuem trabalhando de modo a que a sua cooperação traga dias melhores, para o único jornal honesto que incarna os seus interesses e as suas aspirações.

Na lista de ontem, onde se lê: «Questão Casa Vilar, Ltd.», deve ler-se «Questão Casa Belard, Ltd.»

Contra o cadastro

Imposto pela Moagem aos seus operários

PORTO, 19. — Na quinta-feira efectua-se a reunião conjunta das classes dos manipuladores de pão, manipuladores de farinhas e confeiteiros, a fim de se pronunciarem sobre a estúpida imposição do cadastro congeccionado pela Companhia Nacional de Alimentação.

Mercê dessa reunião, ficamos sabendo que 119 manipuladores de pão já acitaram, servilmente, covardemente, aquela repugnante medida. Sabemos mais que o pessoal da secção da antiga Portugal e Colónias vai realizar uma festa de regoio pela Companhia Nacional de Alimentação, para cuja acção indigne vestirem as suas farpelas mais agitadas...

Sabíamos que a imbecilidade era muito grande, que a supina burrice de muitos operários — como nos lamentamos! — os levava a baixezas repugnantes. Mas que ela fosse tamanha, mas que houvesse trabalhadores que tão baixo descessem — isto é com o que não contávamos.

A Companhia, além da cédula pessoal do Estado, estabelece uma outra sua particular: nela quer o cadastro dos seus operários, quer a fotografia tirada de maneiras e em duplicado — para fins reservados, para possíveis perseguições — porque o cadastro é a futura cédula, a futura moagem de farinhas, a Companhia metrerá nas mãos daquele que despidir quando ele não cumpre fielmente qualquer orgulho, qualquer vontade infame a que o tente submeter...

Será a próxima condenação à morte, pela fome — porque a última está vedado todo o trabalho... E para isto, a Companhia, numa generosidade hipocrita, paga as fotografias — porque é o preço legítimo da sua punhalada; e para isto, há operários que cábula que envergam o seu melhor farrapo, porque nunca tiraram o retrato, e para isto agradece à Companhia com um jantar de confraternização... por um tão aviltante favor...

Por enquanto, pois, só os operários

da secção de bolachas e biscoitos é que se pronunciaram como gente que sente, que vê, que pensa e não quer ceder ao ar.

— Na dita reunião, depois de largo debate sobre o assunto, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Que se convide, por meio de nota oficiosa do S. Nacional, todos esses camaradas a repudiar semelhante ordem;

2.º Que de futuro nenhum camarada aceite, seja em que officina for, semelhante imposição;

3.º Que seja feita a maior propaganda contra semelhante imposição;

4.º No caso que se note serem infrutíferos todos os esforços, se prepare a classe para uma grande reunião magna, onde se deve definir o caminho mais enérgico a seguir.

Foi também aprovado o seguinte aditamento:

«Que em conformidade com o exposto na moção, as três classes estudem em conjunto e com a U. S. O. a melhor forma de desenvolver o movimento iniciado pelo pessoal de bolachas e biscoitos, nomeando para isso, nesta reunião uma comissão, composta de dois membros dos manipuladores de pão, de dois dos confeiteiros, um da U. S. O. e outro dos manipuladores de farinhas.

Que seja também nomeado um comité secreto, o qual será indicado pelas comissões administrativas dos manipuladores de pão e de farinhas e dos confeiteiros, agindo segundo as circunstâncias.

Que a moção e este aditamento sejam submetidos à aprovação dos manipuladores de farinhas.

— O manifesto que a Associação dos Confeiteiros levou pelas paredes e distribuiu pelo público foi bastante apreciado. Mas enquanto a classe média e mesmo muitos elementos da rica do pinhão contra a inimizia da Companhia, alguns operários aceitam-na todos os pontos.

Que mistria...

Coliseu dos Recreios

HOJE — às 21.45 (9.34) — HOJE

XIX sessão internacional

DE LUTA GRECO-ROMANA

8-emocionantes combates-3

Samson, americano contra Massetti, italiano

Devilliers, francês contra Constant Marin, belga

Leskinowitsch, russo contra Van Dem, holandês

Grande sucesso dos notáveis artistas

LUSO, JARK MARY

Georgina Gonçalves e Ernesto

O mais barato espectáculo

De LISBOA

Ultimo domingo em que se representa

HOJE

TEATRO NACIONAL

Reúne na terça-feira as 21 horas, a comissão organizadora da conferência de secretários amanhã às 21.

U. S. O.

Conselho de delegados

Reuniu ante-onem o conselho de delegados com a presença dos seguintes organismos: União Têxtil, Encadernadores, Compositores, Corticeiros, Inscrições Marítimas, Litógrafos, Alfaiates, Marinheiros e Moços, Confeiteiros, Metalúrgicos, Construção Civil, Impressores, Condutores de Carroças, Corticeiros de Lisboa, Barbeiros, D. Central de Fardamentos, Mobiliários, Calceiros, Refinadores de Açúcar e Empregados de Escritório.

Aberta a sessão continua o debate sobre a nota dos metalúrgicos por motivo de não publicação duma notícia em *A Batalha*, que havia sido suspensa na sessão transada.

Depois de vários delegados se pronunciarem é aprovado o seguinte documento dos delegados metalúrgicos.

«Moção d'ordem — O conselho de delegados da U. S. O., tendo em conta que a C. G. T. se está ocupando da questão de *A Batalha*, no que respeita à sua direcção, resolve fazer-lhe sentir a necessidade de se dar ao jornal uma orientação compatível com as necessidades da organização e a aspiração geral do proletariado no sentido da sua emancipação e segue na ordem dos trabalhos.

Sobre um documento assinado por Deão Moreira, que foi enviado à *A Batalha* foi também aprovada uma moção d'ordem dos metalúrgicos a fim de que a comissão administrativa da União se entenda com aquele camarada e a direcção do Sindicato do P. do D. Central de Fardamentos, a que aquele pertence.

A seguir foram nomeados: secretário efectivo da mesa o camarada Edmundo Tavares, e delegado ao comité da sede Jaime Tiago.

Pouco depois aprecia o parecer da comissão administrativa sobre comícios para que abaixo publicamos, e que foi aprovado por unanimidade tendo sido em seguida suspensa a sessão para continuar na próxima segunda-feira.

«Parecer do conselho de delegados sobre a realização de comícios e conferências pela U. S. O.»

Camaradas: — Conforme à resolução tomada na última reunião do conselho, conseguiu a comissão administrativa com a maior rapidez realizar o comício no dia 29 do próximo mês.

Não decorreu essa importante manifestação como era nosso intento em virtude de facto lamentável, de maneira nenhuma previsto, e por essa circunstância e outras que o conselho muito bem deduziu deste parecer achamos conveniente fixar *a priori* a maneira como os comícios e demais reuniões públicas, promovidos por este organismo, devem funcionar.

Convém acentuar primeiramente, em breve lance, o modo como a U. S. O. deve exercer a sua actividade e o seu correspondente efeito e conveniência.

O conselho sente e concebe facilmente a necessidade de despertar as energias do povo desta cidade, a quem a acção da União directamente importa, fazendo-o sair daquele letargo que a sua própria característica de indolência justifica bem como o espírito de mesianismo a que os povos ignorantes, fracos e supersticiosos se entregam.

Essa influência já vem de há séculos e para a qual muito contribuiu a acção deletéria da Companhia de Jesus e a miséria económica que cada vez mais se acentua.

Atendendo por consequência à sua atenção de existência e do seu próprio carácter duas coisas por *o passo* são precisas.

Por um lado faz-lhe reviver, faz-lhe despertar e interessar pelos problemas que lhe dizem respeito, por outro lado, a consciência do seu próprio valor, pela cultura racional das suas faculdades, preparando-o assim para o importante papel que deve desempenhar livremente no futuro.

Logo, nesse sentido, a U. S. O. a quem assiste a função da preparação social do proletariado deve efectuar comícios de propaganda por meio da critica ou do protesto contra a acção perniciosa do Estado e do patronato, que fortalecem o espírito revolucionário do povo dando-lhe ou restituindo-lhe a confiança na acção sindical, devendo também efectuar conferências instrutivas que sirvam, duma maneira acessível, sobre vários ramos da sciência, da fillosofia e da arte.

Quanto aos comícios deve-se ter em atenção a conveniência da maior clareza e concisão de forma a não molestar nem tornar confusa a interpretação da percepção que as assistências tirem das palavras dos oradores.

Devese por consequência restringir o número de oradores preparando-os sobre os assuntos a tratar de modo que não repitam os assuntos nem haja discrepância nas referências que fazem.

Urge também que a par de dois ou três oradores retinamente operários possam falar outros, embora estranhos a organização desde que se reconheça a sua autoridade moral e sobeja independência para isso e sem representação de qualquer partido politico.

Quanto às conferências achamos toda a conveniência em que os elementos do

Reuniu-se ontem o funeral de José Pinheiro Fernandes, operário da Companhia dos Tabacos, primo de João Lourenço, compositor de *A Batalha*.

Os que morrem

Realizou-se ontem o funeral de José Pinheiro Fernandes, operário da Companhia dos Tabacos, primo de João Lourenço, compositor de *A Batalha*.

Os que morrem

Realizou-se ontem o funeral de José Pinheiro Fernandes, operário da Companhia dos Tabacos, primo de João Lourenço, compositor de *A Batalha*.

Os que morrem

Realizou-se ontem o funeral de José Pinheiro Fernandes, operário da Companhia dos Tabacos, primo de João Lourenço, compositor de *A Batalha*.

A BATALHA

HOJE

Ultimo domingo em que se representa

HOJE

TEATRO NACIONAL

Reúne na terça-feira as 21 horas, a comissão organizadora da conferência de secretários amanhã às 21.

U. S. O.

Conselho de delegados

Reuniu ante-onem o conselho de delegados com a presença dos seguintes organismos: União Têxtil, Encadernadores, Compositores, Corticeiros, Inscrições Marítimas, Litógrafos, Alfaiates, Marinheiros e Moços, Confeiteiros, Metalúrgicos, Construção Civil, Impressores, Condutores de Carroças, Corticeiros de Lisboa, Barbeiros, D. Central de Fardamentos, Mobiliários, Calceiros, Refinadores de Açúcar e Empregados de Escritório.

Aberta a sessão continua o debate sobre a nota dos metalúrgicos por motivo de não publicação duma notícia em *A Batalha*, que havia sido suspensa na sessão transada.

Depois de vários delegados se pronunciarem é aprovado o seguinte documento dos delegados metalúrgicos.

«Moção d'ordem — O conselho de delegados da U. S. O., tendo em conta que a C. G. T. se está ocupando da questão de *A Batalha*, no que respeita à sua direcção, resolve fazer-lhe sentir a necessidade de se dar ao jornal uma orientação compatível com as necessidades da organização e a aspiração geral do proletariado no sentido da sua emancipação e segue na ordem dos trabalhos.

Sobre um documento assinado por Deão Moreira, que foi enviado à *A Batalha* foi também aprovada uma moção d'ordem dos metalúrgicos a fim de que a comissão administrativa da União se entenda com aquele camarada e a direcção do Sindicato do P. do D. Central de Fardamentos, a que aquele pertence.

A seguir foram nomeados: secretário efectivo da mesa o camarada Edmundo Tavares, e delegado ao comité da sede Jaime Tiago.

Pouco depois aprecia o parecer da comissão administrativa sobre comícios para que abaixo publicamos, e que foi aprovado por unanimidade tendo sido em seguida suspensa a sessão para continuar na próxima segunda-feira.

«Parecer do conselho de delegados sobre a realização de comícios e conferências pela U. S. O.»

Camaradas: — Conforme à resolução tomada na última reunião do conselho, conseguiu a comissão administrativa com a maior rapidez realizar o comício no dia 29 do próximo mês.

Não decorreu essa importante manifestação como era nosso intento em virtude de facto lamentável, de maneira nenhuma previsto, e por essa circunstância e outras que o conselho muito bem deduziu deste parecer achamos conveniente fixar *a priori* a maneira como os comícios e demais reuniões públicas, promovidos por este organismo, devem funcionar.

Convém acentuar primeiramente, em breve lance, o modo como a U. S. O. deve exercer a sua actividade e o seu correspondente efeito e conveniência.

O conselho sente e concebe facilmente a necessidade de despertar as energias do povo desta cidade, a quem a acção da União directamente importa, fazendo-o sair daquele letargo que a sua própria característica de indolência justifica bem como o espírito de mesianismo a que os povos ignorantes, fracos e supersticiosos se entregam.

Essa influência já vem de há séculos e para a qual muito contribuiu a acção deletéria da Companhia de Jesus e a miséria económica que cada vez mais se acentua.

Atendendo por consequência à sua atenção de existência e do seu próprio carácter duas coisas por *o passo* são precisas.

Por um lado faz-lhe reviver, faz-lhe despertar e interessar pelos problemas que lhe dizem respeito, por outro lado, a consciência do seu próprio valor, pela cultura racional das suas faculdades, preparando-o assim para o importante papel que deve desempenhar livremente no futuro.

Logo, nesse sentido, a U. S. O. a quem assiste a função da preparação social do proletariado deve efectuar comícios de propaganda por meio da critica ou do protesto contra a acção perniciosa do Estado e do patronato, que fortalecem o espírito revolucionário do povo dando-lhe ou restituindo-lhe a confiança na acção sindical, devendo também efectuar conferências instrutivas que sirvam, duma maneira acessível, sobre vários ramos da sciência, da fillosofia e da arte.

Quanto aos comícios deve-se ter em atenção a conveniência da maior clareza e concisão de forma a não molestar nem tornar confusa a interpretação da percepção que as assistências tirem das palavras dos oradores.

Devese por consequência restringir o número de oradores preparando-os sobre os assuntos a tratar de modo que não repitam os assuntos nem haja discrepância nas referências que fazem.

Urge também que a par de dois ou três oradores retinamente operários possam falar outros, embora estranhos a organização desde que se reconheça a sua autoridade moral e sobeja independência para isso e sem representação de qualquer partido politico.

Quanto às conferências achamos toda a conveniência em que os elementos do

Reuniu-se ontem o funeral de José Pinheiro Fernandes, operário da Companhia dos Tabacos, primo de João Lourenço, compositor de *A Batalha*.

Os que morrem

Realizou-se ontem o funeral de José Pinheiro Fernandes, operário da Companhia dos Tabacos, primo de João Lourenço, compositor de *A Batalha*.

Os que morrem

Realizou-se ontem o funeral de José Pinheiro Fernandes, operário da Companhia dos Tabacos, primo de João Lourenço, compositor de *A Batalha*.

Os que morrem

Realizou-se ontem o funeral de José Pinheiro Fernandes, operário da Companhia dos Tabacos, primo de João Lourenço, compositor de *A Batalha*.

Os que morrem

Realizou-se ontem o funeral de José Pinheiro Fernandes, operário da Companhia dos Tabacos, primo de João Lourenço, compositor de *A Batalha*.

Os que morrem

Realizou-se ontem o funeral de José Pinheiro Fernandes, operário da Companhia dos Tabacos, primo de João Lourenço, compositor de *A Batalha*.

Os que morrem

Realizou-se ontem o funeral de José Pinheiro Fernandes, operário da Companhia dos Tabacos, primo de João Lourenço, compositor de *A Batalha*.

Os que morrem

Realizou-se ontem o funeral de José Pinheiro Fernandes, operário da Companhia dos Tabacos, primo de João Lourenço, compositor de *A Batalha*.

Os que morrem

Realizou-se ontem o funeral de José Pinheiro Fernandes, operário da Companhia dos Tabacos, primo de João Lourenço, compositor de *A Batalha*.

Os Dois Garotos

Julio Dantas

A SEVERA

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

BREVEMENTE

Sobe à scena a peça de

Julio Dantas

A SEVERA

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Os Dois Garotos

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE JULHO

T.	1	8	15	22	29	Aparece às 5,30 Desaparece às 5,57
Q.	2	9	16	23	30	FASES DA LUA
S.	3	10	17	24	31	L. C. dia 2 às 5,33 Q. C. dia 9 às 20,41 S. C. dia 16 às 11,25
S.	5	12	19	26	-	Q. M. dia 25 às 10,15

MARÉS DE HOJE	
Praiamar às 5,35 e às 5,56	
Baixamar às 11,15 e às 11,26	

ESPECTACULOS	
S. CARLOS—A's 2,30—«A Casa em Ode».	
S. LUIS—A's 2,30—«Vida Nova».	
NACIONAL—A's 21—«Os dois carretos».	
POLITEAMA—A's 2,30—«Os Campones».	
EDEN THEATRO—A's 2,45—«Agua Passada».	
TRINIDADE—A's 21—«Alma Forte».	
COLISEU DOS RECREIOS—As 2,25—«Grande torneio de lutas».	
CIRCO DE VARIEDADES (Feira do Parque Eduardo VII)—A's 2,15 e 3—«Companhia Cardinalli».	
GIL VICENTE—A's 21—«Dois Sargentos».	
OLIMPIA—A's 2,30—«Animatographo».	
SALVO POZ—A's 14,30 e 20,30—«Variedades».	
CHIADO TERRASSE—A's 14,30 e 21,30—«Animatographo».	
CONDES (Avenida)—«Animatographo».	
CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges)—«Imagens da Vida».	
IDEAL (Largo do Carmo)—«Animatographo».	
CINE ESPERANCA—«Animatographo».	
ROSSIO (Arco da Mouraria)—«Animatographo».	
CHATEAUER (Praça dos Restauradores)—«Fitas faladas».	
AVENIDA PARKER—(Antigo Parque Mayer)—Recreios e diversas. Conceres de jazz-Band».	
PROMOTORA (Largo do Calvario)—«Animatographo».	
EDEN-CINEMA (Rua do Alívio)—«Animatographo».	

EXPOSIÇÕES E MUSEUS	
AQUARIO VASCO DA GAMA.—Dalluzão.—Todos os dias, das 10 ao pôr do sol.	
ARQUEOLOGICO.—Largo do Carrao.—Todos os dias das 10 às 16.—30 centavos.	
ARTILLARIA.—Largo do Museu de Artilleria.—Todos os dias entre das 11 e 12.	
ANTROPOLÓGICO E GALERIA DE GEOGRAPHIA.—Rua do Arco a Jesus.—Todos os dias entre das 10 às 16, com excepção de feriados.	
COLONIAL E ETNOGRAPHICO.—Rua Eugénio dos Santos.—Aos domingos, das 10 às 16.	
ANTHROLOGICO PORTUGUEZ.—Edifício dos Jerónimos, Belem.—Todos os dias, das 12 às 16.	
GEOLOGICO.—Rua do Arco a Jesus, az Academia das Sciéncias, 2.º pavimento.	
JARDIM ZOOLOGICO.—Exposição permanente.	
JOSE VICENT BARBOSA DO SOUZA—Escola Municipal.—Quintas feiras das 12 às 16.	
NACIONAL AGRICOLA.—Tapada de MISERICORDIA.—Largo de Trindade Coelho.—Último domingo do mês, às 15,32.	
NACIONAL DE ARTE ANTIGA.—Rua das Janicas Vergas.	

CAMBIOS				
Países	Moedas	Ao par	Ontem	
			Comp.*	Venda
Alemanha.....	Marcos	4225	—	—
Austria.....	Coróns	419,1	—	—
Bélgica.....	Francos	417,8	1,620	1,610
Espanha.....	Péstetas	417,5	1,475	1,470
E. U. A.....	Dólares	62,1	3,870	3,860
Francia.....	Francos	417,8	1,620	1,610
Hollanda.....	Florins	657,0	1,8400	1,8300
Inglotterra.....	Libras	460	75,400	75,200
Italia.....	Liras	417,8	1,650	1,640
Suicia.....	Francos	417,5	1,610	1,600

MOVIMENTO MARITIMO		
Vapores e destinos		Dias
*Darrós, portos do Brazil e Argentina.....		23
Gelrais, portos do Brazil e Argentina.....		23
Zeelandia, Leixões Vigo Cherbourg Southampton e Amsterdam.....		25
Avon, portos do Brasil e Argentina.....		25
Bagé, Leixões, Vigo, Cherbourg, Southampton e Amsterdam.....		25
Usakuma, Southampton Rotterdam e Hamburgo.....		28
Punchali, portos do Funchal.....		31
Sierra Nevada, Boulogne, Bremen.....		31
Portugals, para os portos da Africa Oriental.....		31

||
||
||

